

Reflexões Teóricas Acerca das Masculinidades sob a Perspectiva de Pierre Bourdieu Envolvendo Propostas de Investigações em Aulas de Química

Theoretical reflections on masculinities from the perspective of Pierre Bourdieu involving purposes of investigations in chemistry classes

Joaquim Fernando Mendes da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro
joaquim@iq.ufrj.br

Marcos André Ferreira de Araujo Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro
andrearaujo@ufrj.br

Resumo

Em virtude da escassez de estudos relacionando masculinidades e Ensino de Química, este artigo busca, de forma teórica, propor algumas reflexões envolvendo a natureza do ser masculino e suas masculinidades. Sob a perspectiva sociológica de Pierre Bourdieu foram feitas análises dos processos de subjetivação masculina, passando pelo conceito de *habitus* para compreender a masculinidade hegemônica. O artigo apresenta duas pesquisas que servem de referência para pensar estratégias e intervenções no Ensino de Química. Por fim, apresentam-se propostas de intervenções investigativas: (1) levanta-se a possibilidade de utilizar o conceito reformulado por Louise Archer como forma de quantificar e comparar o capital cultural de estudantes brasileiros, considerando eixos como gênero, classe social e raça; (2) traçar perfis de masculinidades no contexto das escolas brasileiras e, a partir disso, buscar conexões entre as performances e os interesses/motivações/aspirações por assuntos que envolvam Química/Ciências.

Palavras chave: masculinidades, habitus, performances, ensino de química

Abstract

Due to the scarcity of studies relating masculinities and chemistry teaching, this paper seeks, theoretically, proposing some reflections involving the masculine nature and their masculinities. The productions of male subjectivities were analyzed from the point of view of Pierre Bourdieu, approaching the *habitus* concept to understand the hegemonic masculinity. The work shows two researches that serves as a reference to think strategies and interventions in chemistry teaching. Lastly, there are two purposes of investigates interventions: (1) using the concept reformulated by Louise Archer to quantify and to compare the science capital of brazilian students, considering axes like gender, social class and race; (2) drawing

masculinities profiles in the context of brazilian schools and to search connections between performances and motivations/aspirations for chemistry subjects.

Key words: masculinities, habitus, performances, chemistry teaching

Introdução

Os estudos de gênero no ambiente escolar, especialmente nas disciplinas de Ciências, vêm tomando maiores proporções na pesquisa nacional. De acordo com o levantamento bibliográfico realizado por Heerdt *et al* (2018), de 2008 a 2018, as publicações sobre gênero no Ensino de Ciências foram maiores do que nos anos anteriores a esse período, porém as autoras afirmam que os artigos analisados ainda não representam a área como um todo e as pesquisas precisam ser ampliadas e aprofundadas. No que diz respeito à análise de gênero sob a perspectiva das masculinidades, ainda no Ensino de Ciências, pode se dizer que é uma temática que carece de investigação no contexto brasileiro.

Na verdade, a discussão sobre as masculinidades na contemporaneidade continua sendo considerada um assunto bastante incômodo, sobretudo para homens. Malvina Muszkat (2018) comenta que ao longo dos anos, mulheres, homossexuais e transgêneros lutam para que possam ser escutados, se mobilizam para tentar compreender a construção das suas subjetividades. Enquanto isso, os homens, que tanto produziram ao longo dos séculos em várias áreas do conhecimento, se calam quando o seu íntimo masculino está em questão. Seria muito simples argumentar que homens são mais introspectivos, quando a realidade é muito mais complexa, envolvendo processos de subjetivação e relações de poder (MUSZKAT, 2018).

Cabe salientar que a masculinidade hegemônica endossada por comportamentos violentos, dominantes e de uma suposta superioridade social não afeta somente as mulheres, as quais fazem parte do principal grupo subordinado. Os homens, inclusive os que exercem as masculinidades de forma tóxica, também estão inseridos nessa estrutura nociva. O que não significa que devem ser olhados a partir de uma perspectiva de serem acobertados pelos seus erros, mas que precisam se reconhecer como pertencentes a esse sistema patriarcal e superá-lo.

Tendo em vista que problemas como violência contra as mulheres, machismo, homofobia, transfobia, entre outros desdobramentos, partem dos homens, pautas de igualdade social não podem se restringir às discussões dos grupos oprimidos. Os homens também devem se mobilizar para se entenderem como tais e discutirem formas de modificar sua práxis, para que o convívio em sociedade seja mais justo.

Diante disso, este trabalho busca propor reflexões sobre a temática de gênero pelo viés da análise das masculinidades à luz de Pierre Bourdieu. A discussão teórica propõe articular as questões referentes aos processos de subjetivação masculina às performances exercidas e como esses aspectos estão imbricados com o desempenho nas aulas de Ciências. Além disso, apresentam-se propostas de caminhos de investigação no Ensino de Química como subsídios para pensar novas formas de desempenhar as masculinidades.

Masculinidades

Para dar início às reflexões, podemos partir do questionamento “O que é ser homem?”

que, assim como a condição do que é ser mulher, está associado à concepção de gênero. Ao contrário de uma concepção essencialista, ser homem não se resume à condição biológica determinada no nascimento – sexo – ou à quantidade de hormônios e para entender essa construção, os aspectos histórico-culturais devem ser considerados como modos de subjetivação (MUSZKAT, 2018). Shay Rodriguez (2019), também contrário aos essencialismos, considera em seu ensaio que as construções binárias (homem/mulher) são simplistas e não são adequadas para abarcar as complexidades individuais existentes nas performances. Para além das construções sociais, outro caminho que auxilia a compreensão geral do tema é entender que os sujeitos vistos a partir do conceito de gênero estão incluídos em complexas relações de poder (BUTLER¹, 2003 apud SILVA e SILVA, 2019).

O papel social e o mito do Herói

O questionamento “O que é ser homem?” também pode desdobrar-se em modos de como ser homem. Essas indagações estão relacionadas com as produções de subjetividades e símbolos criados. Afinal, quem ensinou como os sujeitos masculinos devem se comportar? Muszkat (2018), por um olhar psicanalítico, aponta que narrativas preconcebidas são impostas desde cedo às crianças, onde pais e mães reproduzem esses pensamentos. Meninos, geralmente, passam pouco tempo com as mães e logo são retirados do universo feminino para integrarem o universo masculino – o processo de iniciação do homem (MUSZKAT, 2018). Com isso, fica evidente a transição menino-homem: a negação de sentimentos e afetividades como forma de não ser confundido com as mulheres (vistas como inferiores), para ser reconhecido pelo pai como reflexo de virilidade. A cultura patriarcal dos “civilizados” institui que o rito de iniciação do homem é caracterizado pela castração das feminilidades e dos afetos (MUSZKAT, 2018).

Para ampliar esse perfil masculino subordinado, Muszkat (2018) leva em conta que o homem é construído a partir do mito do herói. Embora se tenha em mente algumas representações heroicas clássicas, o modelo de herói que serve como pilar masculino prima pela força física em vez da ética, pela manutenção do poder e volta seu olhar para o exibicionismo.

Por isso, se faz necessário compreender as motivações do papel social masculino como norma e, em sequência, investigar os desdobramentos da idealização de uma identidade única para o homem.

A masculinidade hegemônica e as performances masculinas

Segundo a filósofa Susana de Castro (2018), o papel social masculino naturalizado é uma construção social e histórica, que serve ao sistema capitalista patriarcal. Este se baseia na suposta igualdade civil, enquanto, de fato, sustenta a igualdade masculina e inferiorização das mulheres no âmbito da divisão do trabalho, organização familiar e das instituições públicas e privadas.

Tendo em vista que os modos de ser homem foram construídos a partir de modelos patriarcais hegemônicos, instituindo como normas a heterossexualidade, o binarismo de gênero e o falo como organizador social (MUSZKAT, 2018), nasce então a forma mais “honrada” de pertencer ao universo masculino. De acordo com Connell e Messerschmidt (2013), a masculinidade hegemônica reúne um padrão de práticas que buscam garantir o

¹ BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

domínio dos homens e a subordinação das mulheres. Entre os atributos se observa demonstrações de força, competitividade, dominação, arrogância, etc.

Ao questionar a homogeneização masculina, abre-se espaço para a possibilidade de múltiplas masculinidades, as quais são deslegitimadas e subordinadas. Pode-se observar, como exemplo disso, meninos que sofrem *bullying* na escola por apresentarem características que se aproximam do feminino. Connel e Messerschmidt (2013) apontam que a masculinidade hegemônica talvez seja adotada por uma minoria, mas por ser normativa, apresenta efeito em homens que não se enquadram no modelo hegemônico. Estes, em nome de um reconhecimento por parte de outros homens e pelo direito a privilégios, tornam-se atores subjugando homens e mulheres. Cabe ainda salientar que a análise das masculinidades deve ser feita de modo interseccional à classe e raça/etnia, para que a hegemonia masculina não seja universalizada e mascare preconceitos.

A compreensão de masculinidade hegemônica e masculinidades subordinadas perpassa pelas noções de gênero e performance, bastante trabalhadas por Judith Butler. A filósofa afirma que as identidades são dinâmicas, construídas em um constante processo (BUTLER², 1990 apud ARCHER, 2019). A formação das identidades está relacionada ao que as pessoas fazem, seja por meio do discurso, seja pelas ações - performances. Caso determinadas ações sejam repetidas ao longo do tempo, podem dar a falsa ilusão que o gênero – assim como masculinidades e feminilidades - é estático e real (ARCHER, 2019). Desse modo, como aponta Archer (2019), as performances estão inseridas dentro de um campo de disputa com diferentes atores competindo por voz, autenticidade e reconhecimento.

Produção de subjetividades e Pierre Bourdieu

Pierre Bourdieu (2007) questiona a ideologia da “escola libertadora” como meio de mobilidade social. Em vez disso, reforça que o sistema escolar é mais eficaz no que tange à conservação social. A Escola atua reforçando relações de poder quando ignora as diferenças culturais entre os estudantes. Os saberes vivenciados dentro das instituições de ensino são comuns à elite (BOURDIEU, 2007). Ademais, o autor argumenta que as desigualdades não se restringem ao capital econômico, mas propõe a existência de outros capitais como o capital social, cultural e simbólico (BOURDIEU, 2007). Dentro do capital simbólico há a particularidade do capital científico, associado ao campo da ciência (ARCHER *et al*, 2015). Desse modo, o fato de adotar a igualdade para sujeitos que ocupam posições distintas social e culturalmente impõe uma pedagogia excludente quanto à raça/etnia, classe social, cultura. Aqui temos a violência simbólica pela incorporação de um *habitus* burguês (BOURDIEU, 2012).

O *habitus*, para Bourdieu, é o princípio regulador e estruturador de práticas e valores compreendidos como naturais (BOURDIEU, 2012; MILEO JUNIOR, 2019). É na interiorização de percepções geradas na socialização e posterior exteriorização de atitudes/discursos que se dá o *habitus*. Como pondera Mileo Junior (2019), essa concepção é construída ao longo do tempo e apresenta dois componentes: (1) comportamentos relacionados à moral; (2) posturas adquiridas durante a trajetória, ambos interiorizados de maneira inconsciente.

Diante disso, o conceito de *habitus* é fundamental para compreender a violência simbólica sofrida por mulheres e homens de masculinidades não hegemônicas. A violência em questão naturaliza a dominação de grupos hegemônicos, resultando num tácito

² Butler, J. Gender trouble, feminist theory and psychoanalytic discourse. In L. Nicholson (Ed.), **Feminism/Postmodernism** (pp. 324–340). New York: Routledge, 1990.

rebaixamento social pela perspectiva de grupos dominados (BOURDIEU, 2012). Por esse prisma, as produções de subjetividades tanto podem ocorrer de forma individual ou coletiva. Esta última pode ser promovida pelas escolas, as quais possuem ambientes que reforçam estereótipos de gênero e negam outras masculinidades.

Em *A Dominação Masculina*, Pierre Bourdieu (2012) argumenta que a violência simbólica, lei social convertida em lei incorporada, se efetiva aquém da consciência e confere seu “poder hipnótico” por meio de censuras, manifestações, ameaças. Por apresentar esse modo de efetivação, o autor comenta que a revolução simbólica não se dará por uma tomada de consciência libertadora. A ruptura da cumplicidade dos dominados com os dominadores deve se pautar na transformação das condições sociais de produção das tendências que os dominadores adotam (BOURDIEU, 2012). Faz-se necessário, então, proporcionar condições para que discursos plurais sejam integrantes do ambiente escolar. Para além disso, os processos de produção de subjetividades precisam ser modificados em conjunto com a desconstrução da concepção naturalizada de exercer a masculinidade. Com isso, pode-se pensar um novo rumo que não inclua hierarquias sociais e dicotomias entre gêneros.

Sob a perspectiva do estudo das masculinidades aliado aos conceitos de Pierre Bourdieu, podem surgir alguns questionamentos dentro do Ensino de Química: a masculinidade hegemônica, além de afetar adolescentes, pode causar barreiras no processo de ensino-aprendizagem? Como a escola pode atuar no sentido de ressignificar as relações entre estudantes? Quais são as performances masculinas desenvolvidas a partir da interação do *habitus* familiar e o capital científico cultural? De que forma as performances se relacionam com as aspirações/motivações pela disciplina de Química?

Capital Científico, Aspirações Científicas e Performances

A pesquisadora Louise Archer, como explica Mileo Junior (2019), expande o conceito de capital científico de Bourdieu. Enquanto o autor francês o classifica como uma particularidade do capital simbólico que pode ser convertido em capital econômico, Archer busca agrupar tipos de capital econômico, social e cultural que estão relacionados com a Ciência (ARCHER *et al*, 2015). Nessa reformulação, Archer adota o capital científico como ferramenta conceitual para investigar aspirações a carreiras científicas, motivações, interesses em disciplinas dessa área. A seguir, duas pesquisas que servem de referência serão apresentadas para podermos pensar as relações das masculinidades e performances com o conceito de *habitus* e capital científico.

Paulo Mileo Junior (2019), de forma inédita, trata de utilizar essa ferramenta conceitual proposta por Louise Archer. A pesquisa realizada buscou investigar os perfis de alunos e alunas de escolas públicas do Rio de Janeiro. As escolas investigadas foram separadas em dois grupos, o Colégio Pedro II (grupo 1), localizada no Humaitá – bairro nobre do Rio de Janeiro – e outras escolas estaduais (grupo 2) localizadas em São João de Meriti, Duque de Caxias – regiões mais pobres. Sendo assim, o objetivo da pesquisa foi conhecer a conexão entre a origem dos estudantes e diversos fatores que influenciam em relação às suas aspirações científicas. Resumidamente, alunos do grupo 1 apresentaram maior capital cultural do que alunos do grupo 2. Nesse levantamento foi observada a profissão dos pais, quantidade de livros presentes em casa, a frequência de conversas sobre ciências fora da escola e o conhecimento de amigos ou familiares que trabalham com ciências, sugerindo um capital científico e social mais elevado no grupo 1 (MILEO JUNIOR, 2019).

Por outro lado, Archer *et al* (2014) faz uma análise crítica acerca da associação do papel das masculinidades com as aspirações científicas. Por meio de entrevistas, o grupo de

pesquisadoras identificou cinco performances discursivas de masculinidade, em que duas delas eram relacionadas de modo favorável às aspirações e outras três performances não se identificavam com assuntos da área/carreira científica. A partir das performances observadas, foram identificados dois padrões de fenômenos: (1) construções de que ciências são para gênios – relacionado à identidade científica; (2) desigual distribuição de capital científico, cujo fator explica a facilidade de meninos de classe-média e classe-média alta se identificarem com as ciências. Os fenômenos apresentados e as performances masculinas revelam como o *habitus* familiar, aliado à classe social/etnia, podem influenciar na falta de interesse por áreas científicas, trazendo o sentimento de ausência de identidade. As autoras mostram nuances interessantes sobre como meninos que se interessam por ciências, mas que buscam fazer atividades esportivas e adotam certos tipos de roupas – *cool* - para que não sejam vistos como *geeks*. Ou seja, há a necessidade de serem reconhecidos dentro da lógica hegemônica da masculinidade.

Considerações Finais

Para que propostas de intervenções possam ser elaboradas, é essencial que pesquisas como as de Paulo Mileo Junior e a de Louise Archer sejam ampliadas e aprofundadas. Acreditamos que os próximos passos nos estudos das masculinidades possam se dar na quantificação e comparação de capitais científicos de adolescentes, considerando eixos transversais como gênero, classe social e raça.

Louise Archer (2014) analisa por meio de entrevistas um quantitativo relevante de adolescentes para examinar suas aspirações em seguir carreiras científicas. Para isso, a pesquisadora considerou descrever comportamentos baseando-se nos discursos dos entrevistados. Considerando que a realidade brasileira é distinta da analisada por Archer e também envolve outros conjuntos de complexidades, é preciso que se pense uma pesquisa adequada ao cenário nacional. Sendo assim, propõe-se uma pesquisa exploratória para que possam ser conhecidas as principais performances avaliadas dentro da amostra de estudantes brasileiros. E, a partir dos perfis traçados, dar início à busca de possíveis relações entre as performances e aspirações/interesses por carreiras ou assuntos que envolvam ciências. Acredita-se que a obtenção dessas informações pode ser um importante meio para planejar novas estratégias de intervenções no ambiente escolar.

Em paralelo às investigações, educadores e educadoras devem ser conscientes de seus papéis na atuação para promoção de condições plurais dentro do ambiente escolar. A escola, ciente que pode reforçar relações de poder, deve optar por uma pedagogia que não seja excludente. Para além disso, incentivar novas práticas para que os processos de subjetivação possam ser uma revolução simbólica.

Em conclusão, este trabalho buscou suscitar algumas reflexões sobre masculinidades, a fim de que possa contribuir com uma visão não naturalizada do *o que é ser homem*. Os questionamentos são importantes pontos de partida para iniciar investigações sobre o tema e posteriormente, pôr em prática intervenções pedagógicas nas aulas de Química. Assim sendo, torna-se essencial que educadores e estudantes, sobretudo do gênero masculino, entendam a necessidade de múltiplas masculinidades coexistirem harmonicamente, sem hierarquias sociais e sem inferiorização do universo feminino.

Agradecimentos e apoios

Agradecemos à UFRJ, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Química (PEQui) e ao

nosso grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Sobre Ciência, Tecnologia, Sociedade e Diversidade (LCTS+D).

Referências

ARCHER, L.; DAWSON, E; DeWITT, J; SEAKINS, A. “Science Capital”: A Conceptual, Methodological, And Empirical Argument for Extending Bourdieusian Notions of Capital Beyond the Arts. **Journal of Research in Science Teaching**. Wiley Periodicals, Londres, p. 1-27, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/tea.21227>. Acesso em: Nov, 2020.

ARCHER, L.; DeWITT, J.; WILLIS, B. Adolescent Boys’ Science Aspirations: Masculinity, Capital, and Power. **Journal of Research in Science Teaching**, v.51, n.1, p.1-30, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/tea.21122> . Acesso em: Nov, 2020.

ARCHER, L., NOMIKOU, E., MAU, A. *et al.* Can the subaltern ‘speak’ science? An intersectional analysis of performances of ‘talking science through muscular intellect’ by ‘subaltern’ students in UK urban secondary science classrooms. **Cult Stud of Sci Educ**, v.14, p.723–751, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11422-018-9870-4> . Acesso em: Nov, 2020.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.). **Escritos de Educação**, 9ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p.241-282, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650> . Acesso em: Nov, 2020.

DE CASTRO, S. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. **Aprender - Caderno De Filosofia E Psicologia Da Educação**, n.20, p.75-8, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/aprender.v0i20.4552> . Acesso em: Nov, 2020.

MILEO JUNIOR, P. R. A. **O capital científico como medida de quantificação da eficácia de ações no Ensino de Química**. Dissertação (Mestrado em Química) – Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

MUSZKAT, M. E. **O homem subjugado: O dilema das masculinidades no mundo contemporâneo**. São Paulo: Summus, 2018.

RODRIGUEZ, S. de los Santos. Um breve ensaio sobre a masculinidade hegemônica. **Revista Diversidade e Educação**, v.7, n.2, p.276-291, 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9291> . Acesso em: Nov, 2020.

SILVA, L. A. S.; SILVA, E. P. Q. Masculinidades no contexto escolar: como a temática é abordada em artigos publicados em dossiês de periódicos nacionais. **Revista Diversidade e Educação**, v.7, n.2, p.20-44, 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9630> . Acesso em: Nov, 2020.